

ATAS

XIII CONGRESSO SPCE



Fronteiras, diálogos e transições na Educação

Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação
Escola Superior de Educação de Viseu

6, 7 e 8 de outubro de 2016

ORGANIZAÇÃO

INTRODUÇÃO

ÍNDICE

ORGANIZAÇÃO



ATAS
XIII Congresso SPCE
Fronteiras, diálogos e transições na educação

COORDENAÇÃO

Cristina Azevedo Gomes
Maria Figueiredo
Henrique Ramalho
João Rocha

ISBN

978-989-96261-6-4

DATA

Dezembro, 2016

LOCAL DE EDIÇÃO

Escola Superior de Educação de Viseu

DESIGN

2 Play+

COMISSÃO ORGANIZADORA

COMISSÃO CIENTÍFICA

ÍNDICE



Margarida Morgado e Gertrudes Amaro. TRANSVERSALIDADE DISCIPLINAR E PARTICIPAÇÃO ATIVA DE JOVENS NUM PROJETO EUROPEU	1443
Joaquim Azevedo. A ESCOLA INJUSTA E A EXCLUSÃO ESCOLAR NÃO SÃO UMA FATALIDADE: O PROJETO ARCO MAIOR	1453
Fernanda Martins e Esmeraldina Veloso. ABANDONO ESCOLAR E ESCOLA DE SEGUNDA OPORTUNIDADE: BREVES NOTAS SOBRE POLÍTICAS E PRÁTICAS	1470
João Pedro Gaspar, Joaquim Luís Alcoforado e Eduardo João Santos. A IMPORTÂNCIA DOS RECURSOS HUMANOS EM CONTEXTO ESCOLAR, NA PROMOÇÃO E PROTEÇÃO DE CRIANÇAS E JOVENS EM RISCO	1479
Ricardo Vieira e Sílvia Reis. RELAÇÕES INTERPESSOAIS NA ERA DIGITAL: A CONVIVÊNCIA NOS JOVENS NATIVOS DIGITAIS	1485
Thiago Freires e Fátima Pereira. CLASSES POPULARES E PROCESSOS DE ESCOLARIZAÇÃO – DESMISTIFICANDO A PERIFERIA PORTUGUESA	1494
Tânia Zanella e Maria Teresa Ceron Trevisol. COMPREENSÃO DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO SOBRE A CONTRIBUIÇÃO DOS PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM PARA A EFETIVAÇÃO DE SEUS PROJETOS DE VIDA	1504
14 MUNDO DIGITAL E EDUCAÇÃO	
Ana Antunes e Henrique Gil. ENSINAR E APRENDER ATRAVÉS DA BANDA DESENHADA DIGITAL - PIXTON - NO 1º CEB	1515
Henrique Gil. A INFOEXCLUSÃO E A INFOINCLUSÃO NO MUNDO DIGITAL POR UMA CIDADANIA DIGITAL 65+	1524
Sônia Raposo, Maria M. Nascimento, Cecília Costa e Maria Gea. MATEMÁTICA APLICADA ÀS CIÊNCIAS SOCIAIS: TAREFAS DE PROBABILIDADES COM TECNOLOGIA	1533
Pedro Abrantes, Susana Henriques, Bárbara Backstrom, Olga Magano, Marc Jacquinet e Cláudia Neves. FAZER A LICENCIATURA A DISTÂNCIA: PERCURSOS E IMPACTOS	1543
Antônio Pais, Henrique Gil e Margarida Morgado. LIRE 2.0: PROMOÇÃO DA LEITURA E TIC	1553
Maribel Santos Miranda-Pinto e Antônio José Meneses Osório. AS TIC EM CONTEXTO DE EDUCAÇÃO DE INFÂNCIA: ATIVIDADES SOBRE PENSAMENTO COMPUTACIONAL E PROGRAMAÇÃO	1565
Teresa Cardoso e Filomena Pestana. A WIKIPÉDIA COMO RECURSO EDUCACIONAL ABERTO: QUE POSSIBILIDADES DE INTEGRAÇÃO NO ENSINO SUPERIOR ONLINE?	1572
Ana Gandra, Ana Paula Aires e Paula Catarino. A APRENDIZAGEM DAS EQUAÇÕES DO 1.º GRAU NO 7.º ANO DE ESCOLARIDADE DO ENSINO BÁSICO COM O <i>MODEL ALGEBRA</i>	1582
Sônia Maria De Souza Bonelli. O ENSINO DE CIÊNCIAS NOS ANOS INICIAIS E AS NOVAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO	1590

FAZER A LICENCIATURA A DISTÂNCIA: PERCURSOS E IMPACTOS

**Pedro Abrantes¹, Bárbara Bäckström², Susana Henriques³, Marc Jacquinet⁴,
Cláudia Neves⁵, Olga Magano⁶**

¹ *Universidade Aberta e CIES-IUL (PORTUGAL), pedro.abrantes@uab.pt*

² *Universidade Aberta, CEMRI-UAb e CICSNova (PORTUGAL), barbara.backstrom@uab.pt*

³ *Universidade Aberta, CIES-IUL, ELO/UMCLA-UAb (PORTUGAL)
susana.henriques@uab.pt*

⁴ *Universidade Aberta e CLEP-UL (PORTUGAL), marc.jacquinet@uab.pt*

⁵ *Universidade Aberta e Le@d-UAb (PORTUGAL), claudia.neves@uab.pt*

⁶ *Universidade Aberta, CIES-IUL e CEMRI-UAb (PORTUGAL), olga.magano@uab.pt*

Resumo

Com esta comunicação, pretendemos aprofundar o conhecimento e o debate sobre os perfis dos estudantes universitários em regime de *e-learning* e os impactos das licenciaturas nas suas vidas sociais e laborais, tendo por referência os estudos sobre percursos no ensino superior e transição para o mercado laboral. Em vez de presumir uma homogeneidade, pretende-se analisar se estes percursos divergem entre áreas científicas/profissionais.

A comunicação irá basear-se nos resultados de um questionário lançado, em 2015, a todos os estudantes que concluíram a licenciatura na Universidade Aberta, nos anos de 2011, 2012 e 2013 (universo=1691; taxa de resposta=31%). A análise dos dados inclui um conjunto de procedimentos estatísticos, privilegiando, nesta comunicação, as comparações dos resultados entre áreas formativas, ao nível do perfil sociodemográfico e dos impactos da licenciatura na vida social e profissional.

Como resultados mais expressivos, podemos sublinhar que a larga maioria dos estudantes da UAb trabalha a tempo inteiro e tem entre os 30 e os 50 anos, divergindo das universidades presenciais. Passados cerca de 3 anos do final da licenciatura, cerca de 25% conheceu processos de mobilidade social ascendente, sendo que este valor varia pouco entre licenciaturas. Porém, observam-se variações entre áreas formativas noutros itens. Na área das ciências sociais, muitos estudantes reconhecem que o aprofundamento cultural e cívico foi a razão central para a frequência. E em cursos como educação, os estudantes revelam-se satisfeitos com as competências desenvolvidas e com os impactos noutras esferas da vida. Por seu lado, em cursos como gestão ou informática, havia à partida uma motivação mais instrumental, sendo os impactos culturais e cívicos menos evidentes.

Com base nestes dados, concluímos que a opção pelo ensino superior a distância em Portugal resulta, sobretudo, do facto de as pessoas trabalharem a tempo inteiro e terem responsabilidades familiares. Esta situação varia pouco entre áreas formativas. Contudo, o perfil dos estudantes e os impactos da licenciatura apresentam variações significativas, em linha com o observado sobre estudantes no ensino superior presencial.

Palavras-chave: e-learning; universidade; estudantes; trajetórias; trabalho

Abstract

With this paper, we aim to enlarge our knowledge and debate on the profiles of the university students in e-learning programmes, and the impacts of the graduations on their social and working lives, taking as framework the former research on higher education students' pathways and transitions to the labour market. Rather than assuming a homogeneity, we aim to analyse if these pathways diverge between scientific/professional areas.

The paper is based on the results of a survey carried out in 2015 to all students who complete their graduation in Universidade Aberta, during 2011, 2012 and 2013 (universe=1691; answering rate=31%). Data analysis includes a set of statistical procedures, privileging in this paper the comparisons between academic areas, regarding the sociodemographic profile and the impacts of graduation on social and working lives.

Concerning the more expressive results, we shall stress that a large majority of Universidade Aberta's students are between age 30 and 50 and have a full-time job, in contrast with traditional universities. Three years after their graduation, approximately 25% experienced upper social mobility processes, and the variations between academic fields are not significant. Still, variations are apparent in other items. In social sciences, many students declare that cultural and civic enrichment was the main reason to do the graduation. And in educational studies, graduated are satisfied with the skills developed and the impact of their studies in other life dimensions. On the other hand, in business and computer science degrees, motivations are more instrumental, and the cultural or civic impacts are lower.

According to this data analysis, we may conclude that studying in distance higher education in Portugal is explained, most of all, by the fact that people involved is working on a full-time bases and have family responsibilities. This situation is common to all academic areas. However, students' profile and the impact of the graduation varies significantly, in line with available data from traditional universities.

Keywords: e-learning; university; students; pathways; work

A presente comunicação pretende contribuir para o conhecimento e o debate sobre os percursos académicos e laborais dos licenciados em regime de *e-learning*, tendo por referência os estudos sobre percursos no ensino superior e transição para o mercado laboral. Em vez de presumir uma homogeneidade, pretende-se analisar se estes percursos divergem entre áreas científicas/profissionais.

1. ENQUADRAMENTO

O presente projeto integra-se numa linha de estudos que, em Portugal, foi fortemente impulsionada pelos trabalhos fundadores de Adérito Sedas Nunes sobre o ensino superior e, nomeadamente, os estudantes que o frequentavam nos anos 60 (e. g. Sedas Nunes, 1971). Esta linha de estudos foi retomada e aprofundada, a partir dos anos 1990, com vários estudos sobre os perfis e percursos dos estudantes universitários, tais como Gonçalves et al. (2001), Almeida et al. (2005), entre outros, tendo conhecido um novo fôlego, em anos mais recentes, com um enfoque nas questões do (in)sucesso no ensino superior (Almeida, 2013; Costa, Lopes e Caetano, 2014).

Por seu lado, também no final do século passado surgiu, em Portugal, uma linha de estudos especificamente sobre os percursos dos diplomados, tendo-se criado, em várias universidades, observatórios que têm vindo a atualizar os resultados para as sucessivas gerações de estudantes (Gonçalves, 2000; ODES, 2002; M. G. Alves, 2003; N. Alves, 2005; OPEST-UL, 2012; Costa e Dominginhos, 2013; Gonçalves e Menezes, 2014; OPSD-UA, 2015; etc.).

Em termos genéricos, pode-se assinalar que o objetivo principal destes vários relatórios é aferir as condições de empregabilidade dos licenciados dos diferentes cursos, nas sucessivas gerações que os têm frequentado, tendo como pano de fundo as próprias transformações sociais e económicas que têm marcado a sociedade portuguesa, nomeadamente na esfera laboral. Contudo, também é importante assinalar que este objetivo é geralmente integrado num esforço mais amplo para compreender o perfil social dos licenciados dos diferentes cursos, as condições em que frequentaram o ensino superior, as competências desenvolvidas, o seu grau de satisfação e os seus percursos académicos posteriores.

Apesar das dificuldades observadas, até ao momento, na integração entre os vários grupos de investigação que têm realizado estudos nesta área, o que permitiria análises bastante mais amplas, será de salientar o desenvolvimento de alguns estudos que procuram já comparar resultados obtidos em várias universidades, nomeadamente em temas específicos, como a empregabilidade (Gonçalves et al., 2006; Chaves, Morais e Nunes, 2009; Cardoso et al., 2012), os processos de inserção profissional (Ramos, Parente e Santos, 2014; Chaves e Morais, 2014) ou a conciliação entre percurso laboral e estudos no ensino superior (Alves, Alves e Chaves, 2012).

Apesar da perspetiva tradicional e dominante nestes vários estudos seja analisar a transição dos jovens do ensino superior para o mercado laboral, o que, aliás, se explica por corresponder à maioria das situações, no nosso país, nota-se em vários dos relatórios citados um crescente interesse pelas condições e percursos dos estudantes que realizam os seus estudos superiores já na idade adulta, frequentemente a trabalhar a tempo inteiro, o que também se explica pelo aumento do contingente de licenciados com este perfil, o que começa a dar origem a projetos específicos, como é o caso de Almeida, Quintas e Gonçalves (2016). Esta realidade é particularmente importante para o presente estudo, uma vez que, como se verá adiante, é este também o perfil da generalidade dos estudantes da Universidade Aberta.

A Universidade Aberta caracteriza-se, não apenas por esta singularidade no perfil do seu “público”, mas, sobretudo, pelo facto de ser especializada na oferta de ensino superior a distância. Neste sentido, o estudo realizado tinha não apenas o objetivo de prosseguir e ampliar uma linha de estudos já existente em várias outras instituições do ensino superior português, mas também explorar possíveis especificidades da realização de estudos a distância, nos quais os processos de interação entre docentes e discentes ocorrem, sobretudo, através de ambientes mediados pelas tecnologias da informação e da comunicação.

2. NOTAS METODOLÓGICAS

Com o objetivo de conhecer os percursos académicos, profissionais e de vida dos licenciados da Universidade Aberta, constitui-se no final de 2014 um grupo de trabalho dentro da instituição, composto pelos autores da presente comunicação, professores-investigadores de diferentes departamentos e áreas científicas (sociologia, economia e educação), com o apoio da Professora Mariana Gaio Alves, da Universidade Nova de Lisboa.

A primeira etapa deste projeto consistiu na construção e aplicação de um questionário aos licenciados de todos os cursos da Universidade Aberta. Procurámos incluir algumas questões utilizadas em estudos anteriores, até para permitir análises comparativas, mas considerámos importante introduzir também outras questões adequadas ao perfil dos estudantes, bem como ao modelo pedagógico da própria instituição. As questões foram agrupadas em 5 grandes blocos, refletindo dimensões que nós pretendíamos analisar:

- A) o perfil dos licenciados, incluindo origens sociais, área de residência e percurso educativo e profissional anteriores à realização do curso;
- B) o percurso na Universidade Aberta, incluindo os curso e minor frequentado, os motivos e modalidades de ingresso, a duração da sua realização, a situação profissional ao longo do curso e as condições de estudo;
- C) o balanço de competências e relações, incluindo as representações dos inquiridos acerca das competências desenvolvidas e as relações construídas na licenciatura;
- D) o impacto percebido da licenciatura, não apenas nas condições e trajetórias laborais, mas também na vida familiar, cultural e cívica;
- E) os projetos de futuro, incluindo necessidades e interesses de formação superior e ao longo da vida.

O questionário foi colocado online, através da plataforma LIME Survey, sendo o pré-teste já realizado nesta modalidade, o que permitiu introduzir algumas melhorias na edição do próprio questionário. Além das vantagens para o acesso a uma população que se encontra espalhada por diversas regiões do país e, inclusive, no estrangeiro, o questionário online permitiu também a introdução de uma série de perguntas que se tornam visíveis (ou não), em função de respostas anteriores, o que agiliza o preenchimento do questionário. Porém, considerou-se também os riscos dos questionários online, nomeadamente no difícil controlo sobre as distintas interpretações que se podem dar às perguntas e o menor compromisso de resposta por parte do universo inquirido. Além de uma construção em hipertexto, incluindo explicações detalhadas a possíveis dúvidas de interpretação, a aplicação baseou-se num acompanhamento telefónico e por e-mail que permitiu reforçar a comunicação com

os licenciados da universidade, contribuindo para aumentar a amostra e para colmatar algumas dúvidas.

Tendo a aplicação do questionário decorrido entre julho e setembro de 2015, decidimos que o universo a inquirir seria o total dos indivíduos que concluíram a sua licenciatura em 2011, 2012 ou 2013, em regime de e-learning e após a sua remodelação segundo os critérios do acordo de Bolonha. A escolha deste universo foi definido, por um lado, por permitir abranger estudantes que se haviam licenciado há, pelo menos, 18 meses e, no máximo, há 4 anos e meio, tendo uma média de 3 anos passados após a conclusão do curso, um período considerado adequado para aferir impactos da licenciatura e, por outro lado, por constituir a primeira vaga de estudantes que frequentaram as licenciaturas neste novo figurino pedagógico. De notar, além disso, que a Universidade Aberta tem um número de licenciados por ano muito inferior a outras universidades, pelo que a opção de incluir diplomados de apenas um ano, apesar de ganhos em termos de rigor, teria consequências de redução do número de respondentes, o que no caso de vários cursos tornaria inconsistente o tratamento estatístico.

Foi recolhida uma listagem de todas as pessoas que correspondiam ao perfil definido, junto dos serviços da Universidade Aberta. No início de Julho de 2015 toda a população foi convidada por e-mail a responder ao questionário, sendo garantida a confidencialidade dos dados, assim como o apoio telefónico (por parte do secretariado do DCSG) e por e-mail (por parte do coordenador do projeto) em casos de dúvida. Mensagens eletrónicas de reforço desta solicitação foram enviadas no início de Agosto e em meados de Setembro.

Na segunda quinzena de Setembro, o número ainda insuficiente de respostas obtidas fez-nos adotar duas estratégias: por um lado, prolongar o período de aplicação para o período de Outubro; por outro lado, estabelecer um contacto telefónico direto com os licenciados dos cursos em que a taxa de

resposta era mais baixa. No final de Outubro, considerando termos já alcançado uma amostra robusta e estratificada, a necessidade de iniciarmos o período de análise de dados e divulgação dos resultados fez-nos dar por terminada a recolha dos dados. O número total de questionários validados e a sua distribuição pelas diversas licenciaturas são apresentados na tabela 1, comparando-os com o total de licenciados em cada curso.

Tabela 1. Número total de licenciados e de respostas válidas ao questionário, segundo a licenciatura

Licenciaturas da UAb	Licenciados	Respostas	% do curso
Ciências da Informação e da Documentação	218	70	32,1
Ciências do Ambiente	30	12	40,0
Ciências Sociais	589	181	30,7
Educação	272	77	28,3
Estudos Artísticos	38	12	31,6
Estudos Europeus	70	18	25,7
Estudos Portugueses e Lusófonos	18	8	44,4
Gestão	242	66	27,3
História	69	22	31,9
Informática	20	10	50,0
Línguas Aplicadas	29	12	41,4
Línguas, Literaturas e Culturas	89	27	30,3
Matemática e Aplicações	7	3	42,9
Totais	1691	518	30,6

3. PERFIL DOS ESTUDANTES

Um primeiro aspeto que é fundamental considerar é que a generalidade dos licenciados da Universidade Aberta ingressa na instituição com mais de 25 anos, sendo a idade média de entrada 39 anos, e cerca de 90% já trabalhavam a tempo inteiro e mantêm esta condição durante a realização do curso. A maioria dos diplomados era empregada por conta de outrem, a tempo inteiro,

no setor público, em atividades intermédias dos serviços, como é o caso do secretariado. No entanto, existe uma enorme diversidade de enquadramentos profissionais, incluindo um contingente significativo que já trabalhava em atividades intelectuais e científicas. Além disso, a primazia dos funcionários públicos não se verifica nos cursos de Gestão, Estudos Artísticos, História e Matemática.

Embora os estudos demonstrem que esta condição de adultos e trabalhadores esteja em expansão entre os estudantes universitários portugueses, o que foi, aliás, impulsionado pelo Processo de Bolonha (Cardoso et al., 2012; Alves, 2014), a verdade é que a larga maioria dos licenciados em instituições como a Universidade de Lisboa, a Universidade Nova de Lisboa ou a Universidade do Porto continuam a caracterizar-se por frequentar este ciclo de estudos entre os 18 e os 25 anos de idade e em exclusividade ou com atividades laborais apenas pontuais, o que nos distingue da realidade observada em muitos outros países europeus (OPEST-UL, 2012; Gonçalves e Menezes, 2014; Alves, Alves e Chaves, 2014).

Nesta linha, é interessante observar que a oferta formativa e o número de licenciados por curso, na Universidade Aberta, conformam-se, em traços largos, a um padrão já observado nos anos 1960, segundo o qual os estudantes que se inscreviam com mais de 27 anos no ensino superior faziam-no, sobretudo, nas áreas do Direito, das Letras e das Ciências Económicas e Sociais (Sedas Nunes, 1971). Mais recentemente, Alves, Alves e Chaves (2012) notaram que os trabalhadores-estudantes estão sobre-representados nas áreas da educação e das ciências sociais. Além da oferta educativa e do número de licenciados, no caso dos licenciados na Universidade Aberta, é também possível observar uma maior juventude entre os estudantes de Matemática e Informática (idade média de ingresso de 30 e 32 anos, respetivamente), encontrando-se História e Estudos Artísticos no polo oposto, com uma idade média de ingresso superior aos 40 anos de idade.

Também no caso das origens sociais, se confirma o carácter potencialmente democratizante do ensino a distância, no sentido em que a população que decide frequentar o ensino superior já numa condição de trabalhador e adulto é, tipicamente, proveniente de contextos sociais mais humildes (Almeida, Quintas e Gonçalves, 2016). Tal como noutros estudos, é possível observar uma diferença entre licenciaturas frequentadas por estudantes de origens mais desfavorecidas, como é o caso de Educação e Ciências da Informação e Documentação, face a outras áreas em que a maioria dos licenciados provém de classes sociais favorecidas, como são os casos de Ambiente, Estudos Artísticos, Informática e Matemática.

Contudo, se o estudo pioneiro de Sedas Nunes (1971) e os relatórios mais recentes da Universidade de Lisboa (Alves, 2005) e da Universidade do Algarve (Almeida, Quintas e Gonçalves, 2016) apontam para uma primazia dos homens nesta condição, o presente estudo indica que os licenciados da Universidade Aberta, apesar de realizarem os seus estudos na idade adulta e na condição de trabalhadores, são maioritariamente mulheres, nomeadamente, entre aqueles que se licenciam entre os 30 e os 50 anos. Isto poderá indicar uma mudança no perfil dos trabalhadores-estudantes, no ensino superior, mas sobretudo uma maior adesão das mulheres ao ensino a distância, possivelmente devido às vantagens comparativas na conciliação com uma vida familiar em que assumem responsabilidades mais pesadas do que os homens. Importa, contudo, notar que essa primazia feminina é, sobretudo, visível em Ciências da Informação e Documentação, Educação e Línguas (mais de 60%), estando os homens em maioria entre os diplomados em Estudos Europeus, Gestão, História, Informática e Matemática.

Além disso, contrariando a ideia de que muitos destes estudantes ingressariam no ensino superior com baixos níveis de escolaridade, através de provas *ad hoc* (Almeida, Quintas e Gonçalves, 2016), a análise dos percursos dos licenciados da Universidade Aberta revela que 15,5% ingressou já com um título do ensino superior obtido anteriormente (percentagem que ascende aos 40% no caso das línguas), enquanto 73% detinha o certificado do ensino secundário completo. De notar que, entre os primeiros, encontram-se casos de pessoas que obtiveram uma segunda licenciatura e outras que detinham apenas o nível de bacharelato e pretendiam ser licenciadas. Do mesmo modo, será importante assinalar que cerca de 25% já tinha iniciado estudos no ensino superior, mas sem terminar grau, situação frequente sobretudo nas áreas de Ambiente, Estudos Europeus, Gestão, História, Informática e Matemática, situação que, aliás, nos remete para os altos níveis de insucesso e abandono que têm caracterizado o ensino superior português e que conheceram alguma retração nos últimos anos (Sedas Nunes, 1971; Almeida, 2013; Alves, 2014).

Um último aspeto que importa discutir é o da área de residência dos estudantes, o que é particularmente importante no caso das pessoas que acumulam atividades laborais, responsabilidades familiares e baixos rendimentos. Mesmo as instituições de maior implantação e tradição, como a Universidade de Lisboa e a Universidade do Porto, recrutam a maioria dos seus licenciados nas suas regiões de influência, respetivamente, a Grande Lisboa (OPEST-UL, 2012) e o Grande Porto (Gonçalves e Menezes, 2014). No caso da Universidade Aberta, existe uma maior

dispersão da área de residência, o que não é surpreendente dada a sua orientação para o ensino a distância, mas, ainda assim, 40% residiam na Área Metropolitana de Lisboa durante a licenciatura, sendo Lisboa, Sintra, Cascais, Funchal e Oeiras os concelhos mais representados, por esta ordem de importância. Tal tendência não deixa de refletir o carácter dual da sociedade portuguesa, já assinalado por Sedas Nunes (1964) há várias décadas, com uma grande concentração demográfica, mas também económica e educacional, sobretudo na região de Lisboa, a par da desertificação, empobrecimento e exclusão social que caracterizam outras regiões do país. Como assinalam Cardoso et al. (2012), a própria licenciatura contribui para este fenómeno, uma vez que 50% dos diplomados encontra trabalho nas duas principais áreas metropolitanas.

4. MOTIVAÇÕES, SATISFAÇÃO E COMPETÊNCIAS

Não devemos descurar que as motivações para o ingresso no ensino superior são múltiplas e variadas, evitando aderir a teses economicistas que reduzem este espaço formativo a uma qualificação dos trabalhadores para atividades laborais (Alves, Alves e Chaves, 2012; Almeida, 2013). A este propósito, não deixa de ser significativo que, segundo os dados recolhidos, a melhoria das condições laborais constitui a motivação principal dos estudantes que ingressam na Universidade Aberta antes dos 40 anos, mas não daqueles que ingressam num momento mais tardio. Além disso, há uma diferença significativa entre, por um lado, os cursos em que a mobilidade laboral constitui um motivo central para o ingresso da maioria dos estudantes, como são os casos de Ciências da Informação e Documentação, Educação, Gestão e Informática, e, por outro lado, aqueles para quem o aprofundamento do conhecimento e da cultura constitui a principal razão apresentada, como são os casos de Ciências Sociais, História, Estudos Artísticos, Línguas e Matemática.

De um modo geral, os diplomados da Universidade Aberta reconhecem que a licenciatura contribuiu para a sua autoestima, assim como para a sua vida social, cultural e política. Contudo, há também diferenças significativas. Esse reconhecimento é claramente menor nos cursos de Estudos Europeus, Gestão e Informática, alcançando os valores máximos em Ciências da Informação e Documentação, Estudos Artísticos e Educação. A este propósito, Informática distingue-se claramente, uma vez que os licenciados desta área são os únicos que recusam a ideia de que a licenciatura teria contribuído para as suas práticas de cidadania, as suas práticas de lazer ou para o seu apoio à vida familiar.

Tal como tem sido observado noutras instituições do ensino superior (Alves, Alves e Chaves, 2012; Gonçalves e Menezes, 2014), a maioria dos licenciados na Universidade Aberta revela satisfação com o curso realizado, reconhecendo o desenvolvimento de diversas competências teóricas, técnicas e éticas, nomeadamente capacidade de análise/síntese, autonomia, cultura geral e sentido crítico, mas sendo menos positivos relativamente à preparação efetiva para o mercado laboral. Porém, não deixa de ser preocupante a taxa elevada de licenciados que considera que o curso não lhes proporcionou competências de trabalho em grupo, nem contactos profissionais. Há, ainda assim, diferenças significativas entre cursos, destacando-se o balanço mais apologético, realizado pelos diplomados de Ambiente, Educação ou Ciências da Informação e Documentação, em contraste com o balanço mais crítico dos diplomados em Gestão e em Informática. Caso nos limitemos à preparação para o mercado laboral, também a maioria dos diplomados em Estudos Artísticos, Estudos Europeus, História e Línguas apresentam balanços tendencialmente negativos. Também no caso da Universidade de Lisboa, havia-se observado entre os licenciados das Humanidades uma satisfação genérica com as competências desenvolvidas no curso, a par com os diplomados em Educação, mas uma perceção maioritária de que a formação realizada não os preparou convenientemente para o mercado laboral, à semelhança dos seus colegas de Engenharias (Alves, 2005).

Outro aspeto que ganha cada vez mais importância é o prosseguimento para estudos pós-graduados, entendendo-se a licenciatura não como um ciclo de formação terminal, mas sim como uma alavanca para percursos formativos mais avançados (Nunes, 2014). Por exemplo, segundo um estudo recente realizado na Universidade do Porto (Gonçalves e Menezes, 2014), logo após a conclusão da sua formação de 1º ciclo, 63,4% dos licenciados prosseguiram os seus estudos no ensino superior, na sua larga maioria dentro da própria instituição, ainda que muitos deles pretendam fazê-lo em conciliação com atividades laborais, o que não deixa de configurar uma oportunidade para o ensino a distância. No caso da Universidade Aberta, cerca de 25% dos licenciados entre 2011 e 2013 já se encontrava, em 2015, a frequentar estudos pós-graduados, enquanto cerca de metade o tencionava fazer, sendo que o perfil mais maduro e trabalhador dos seus estudantes poderá explicar a menor adesão a projetos formativos mais longos. Ainda assim, observam-se diferenças significativas entre cursos, sendo o prosseguimento de estudos mais comum nas áreas da Matemática, Informática, Ambiente e História, em contraste com a menor ambição académica dos diplomados em Gestão ou em Ciências da Informação e Documentação.

5. MOBILIDADE SOCIAL E PROFISSIONAL

A capacidade das licenciaturas promoverem a inserção profissional, nomeadamente em nichos qualificados e favorecidos do mercado de trabalho, tem sido uma questão muito discutida no espaço público e que tem motivado o filão de estudos em que se integra o nosso projeto. No caso da Universidade Aberta, visto que a quase totalidade dos seus estudantes são adultos e trabalhadores, a questão da transição para o mercado laboral tem que ser entendida desde uma perspetiva mais lata, explorando os impactos da licenciatura nos percursos laborais (e de vida), o que torna também mais complexa a comparação com os estudos realizados noutras universidades.

Quando analisamos a situação laboral dos licenciados da Universidade Aberta, passados 2-3 anos de concluir o curso, podemos observar que a larga maioria (82%) está empregado, sendo que 68% tem um contrato sem termo, 8% tem um contrato temporário e 6% é trabalhador independente. A proporção daqueles que se declararam desempregados foi apenas de 5%, não variando muito entre licenciaturas. Em traços gerais, estes resultados confirmam a tese de Chaves, Morais e Nunes (2009), segundo os quais as ideias catastrofistas sobre o desemprego dos licenciados têm pouca sustentabilidade, perante uma situação de inserção da larga maioria dos licenciados, passados 6 meses de concluir o curso. Além disso, se as taxas de desemprego estão em linha com o observado noutras universidades, a percentagem de trabalhadores efetivos é até bastante superior, uma vez que se tem observado uma precarização do emprego de uma grande parte dos recém-licenciados noutras instituições (Alves, 2005; Ramos, Parente e Santos, 2014).

Este quadro muito positivo tem, contudo, que ser ponderado, à luz do facto de 90% dos diplomados da Universidade já se encontrarem empregados, a maioria com contratos sem termo na administração pública, quando se inscreveram no curso, o que não acontece nas restantes instituições. Neste sentido, aliás, a comparação da situação perante o trabalho no momento do ingresso e após a conclusão da licenciatura revela uma estabilidade dos rendimentos, o que tem que ser lido também considerando a degradação da situação económica e das condições laborais, entre 2010 e 2015. No caso dos trabalhadores da administração pública que, como vimos anteriormente, se encontram em maioria entre os diplomados da Universidade Aberta, não podemos esquecer que esse período foi marcado por uma redução significativa do número de efetivos e um congelamento das carreiras, o que frustrou muitas expectativas de progressão profissional.

Neste cenário, apenas 33% dos respondentes declarou que havia mudado de emprego, de categoria ou de atividade laboral entre o início da licenciatura e o momento atual, sendo que para a larga maioria destes (72%), as competências desenvolvidas na licenciatura foram importantes para esta mobilidade. Por seu lado, 7% indica que criou o seu próprio negócio, neste período. Além disso, cerca de 40% dos licenciados afirma ter melhorado a sua posição e/ou as suas condições laborais, 26% dentro da organização em que já trabalhava, 9% noutra organização e 4% por conta própria. Outro indicador significativo observado é que 30% dos respondentes afirmou que a licenciatura é fundamental para a atividade laboral que desempenham atualmente e outros 38% considerou-a útil.

Considerando um indicador sociológico de mobilidade socioprofissional ascendente, enquanto deslocação para um lugar de classe mais favorecido desde o início da licenciatura ao momento atual, podemos observar que esta situação caracteriza cerca de 22% dos licenciados da Universidade Aberta, destacando-se o aumento acentuado dos profissionais intelectuais e científicos (13% para 23%), em contraste com a redução dos trabalhadores em segmentos desqualificados do mercado laboral (55% para 33%). Será importante notar que a mobilidade social tem uma correlação forte com a valorização atribuída pelos próprios à melhoria das condições laborais enquanto motivo para o ingresso na licenciatura. Dada a referida degradação dos empregos públicos, não deixa, contudo, de ser surpreendente que a mobilidade social ascendente ocorreu mais frequentemente no quadro da administração pública (23%) do que no sector privado (18%), ainda que tenha ocorrido, sobretudo, entre os (poucos) trabalhadores do 3º sector (46%).

Por seu lado, atendendo aos estudos que têm observado que a inserção laboral qualificada dos diplomados tende a ser dificultada, no caso das mulheres (Costa e Dominginhos, 2013) e daqueles que são provenientes de contextos sociais desfavorecidos (Ramos, Parentes e Santos, 2014), no caso da Universidade Aberta, não foi visível um impacto do sexo e da origem social nas possibilidades de mobilidade social.

Existem, ainda assim, algumas diferenças entre áreas académicas e laborais que importa destacar. A mobilidade profissional associada à licenciatura é mais intensa nas áreas de Ambiente, Ciências Sociais, Gestão, Línguas Aplicadas, Informática e Matemática (acima de 40%), sendo menos comum entre os licenciados em Educação, Ciências da Informação e Documentação, História ou Línguas,

Literaturas e Culturas. Por seu lado, a criação de negócios é uma situação mais comum entre os licenciados de Gestão (18%) e de Línguas, Literaturas e Culturas (20%).

A melhoria da posição e/ou das condições laborais desde que realizou o curso na Universidade Aberta foi mais frequente entre os licenciados em Ambiente (dentro da organização em que já trabalhavam), assim como os diplomados em Informática e em Matemática (noutra empresa ou por conta própria). Por seu lado, foi uma situação bastante minoritária entre os licenciados em cursos de Humanidades, o que foi observado também noutras instituições (Alves, 2005; Cardoso et al., 2012; Ramos, Parente e Santos, 2014; Chaves e Morais, 2014), podendo-se portanto associar a uma fragilidade e desvalorização destes segmentos do mercado laboral. Aliás, é significativo que as expectativas de 50% dos licenciados em História sejam apenas o manter-se na mesma posição e organização, durante os próximos anos, enquanto a área das Línguas é aquela em que há mais expectativas de conseguir emprego, abrir uma empresa ou iniciar um negócio por conta própria. A este propósito, não deixa de ser significativa a taxa de mobilidade ascendente (mais de 30%) nos cursos de Estudos Artísticos e Estudos Europeus, superando até ligeiramente as percentagens observadas nas áreas de Ambiente, Informática e Matemática, ainda que se deva considerar que os licenciados destes últimos cursos exerciam já atividades profissionais mais qualificadas do que a média no momento em que ingressaram na universidade.

É interessante ainda notar que uma parte significativa dos licenciados declara exercer atualmente uma atividade profissional mais gratificante, mesmo sem ter alterado a sua categoria profissional,

organização ou as condições laborais, segmento particularmente elevado em Ciências da Informação e Documentação, o que poderá remeter para uma melhoria de estatuto, das funções e/ou de apreciação subjetiva, mesmo que esta não tenha sido acompanhada por uma progressão objetiva, tendo em conta o referido processo de congelamento e precarização das carreiras. Isto confirma a importância da valorização de aspetos intrínsecos do trabalho, entre os licenciados (Chaves, Morais e Nunes, 2009), ainda que a estabilidade laboral se mantenha, entre esta população, como um valor fundamental para esta população, o que favorece a permanência na mesma instituição e a preferência por uma (possível) promoção interna.

Em todo o caso, ao nível da integração nos segmentos qualificados do mercado laboral, as oportunidades dos licenciados na Universidade Aberta parecem consideravelmente menores do que nas Universidades de Lisboa (OPEST-UL, 2012) ou do Porto (Gonçalves e Menezes, 2014). Tal como observaram Almeida, Quintas e Gonçalves (2016), as desigualdades que atingem os estudantes adultos e trabalhadores não cessam com a sua participação no ensino superior, observando-se dificuldades acrescidas na busca por uma inserção mais qualificada no mundo do trabalho, em consequência de limitações na busca de emprego, menor disponibilidade para uma inserção (inicialmente) precária numa área laboral mais qualificada e, sobretudo, pela valorização da juventude como critério de seleção. A este propósito, não deixa de ser significativo que a média de idades daqueles que experimentaram um processo de mobilidade ascendente associado à realização da licenciatura (36 anos quando terminou o curso) é significativamente menor do que a média (39), o que aponta para um impacto progressivamente menor do curso à medida que se avança no percurso vital e laboral.

6. NOTAS FINAIS

O presente estudo trata-se de um primeiro contributo do grupo de trabalho para o conhecimento acerca dos efeitos que a formação realizada na Universidade Aberta teve nas vidas dos seus diplomados. Consideramos esta uma linha de investigação fundamental, não apenas no sentido de conhecer melhor a sociedade portuguesa, o seu sistema universitário e, em particular, a sua modalidade de ensino a distância, mas também para refletirmos e apoiarmos as estratégias da instituição e as práticas pedagógicas a distância, tornando-as mais úteis e relevantes socialmente. O aprofundamento deste trabalho deverá passar, nos próximos tempos, pela realização de entrevistas a alguns licenciados, assim como pela aplicação de um novo questionário que inclua já, não apenas os licenciados, mas também os mestres e doutorados da Universidade Aberta.

Apesar da especificidade do modelo pedagógico e do perfil singular dos estudantes da Universidade Aberta, os resultados obtidos em termos de satisfação com o curso e com a instituição encontram-se em linha com aqueles que são conhecidos para universidades de ensino presencial, o que pode significar que a obtenção de um diploma de ensino superior ainda é fortemente valorizado do ponto de vista social e também como recurso importante para ter acesso a melhores condições de trabalho, para conseguir um trabalho mais adequado às qualificações, como uma forma de assegurar maior satisfação pessoal e também profissional. O diploma para além da sua utilidade pragmática por

permitir aumentar as qualificações e as hipóteses de mobilidade profissional continua a ser entendido como uma forma de distinção social, muito valorizado e que funciona como objetivo a atingir por parte de quem o não tem.

É possível distinguir dois principais tipos de perfis de estudantes, os mais jovens que têm por objetivo obter qualificações académicas que abram novos horizontes profissionais e aqueles (um pouco mais velhos) que valorizam o saber pela vontade de saber mais, de ter novos conhecimentos, uma perspetiva de valorização do conhecimento que tende a ser desvalorizada e até menosprezada na sociedade economicista em que vivemos e em que se procura reduzir diplomados em áreas consideradas “a extinguir” (ou mesmo retirar as disciplinas do ensino secundários), por exemplo, o caso da filosofia, entre outras áreas do saber.

Em termos de áreas formativas e profissionais, foi possível identificar algumas especificidades no perfil dos estudantes, no percurso universitário e nos processos de inserção profissional, em traços gerais coincidentes com o observado noutras universidades portuguesas, mas curiosamente estas diferenças parecem ter um impacto muito mitigado nas possibilidades de mobilidade socioprofissional através da licenciatura, o que contraria igualmente uma ideia muito presente no senso comum atual, segundo a qual apenas algumas áreas do conhecimento permitiriam hoje uma inserção e progressão laboral e social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, Ana Nunes de (org.) (2013), *Sucesso, Insucesso e Abandono na Universidade de Lisboa: Cenários e Percursos*, Lisboa: Educa.
- Almeida, António Fragoso de, Helena Quintas e Teresa Gonçalves (2016). Estudantes não-tradicionais no ensino superior: barreiras à aprendizagem e na inserção profissional. *Laplage em Revista (Sorocaba)*, vol 2, nº 4, pp. 97-111.
- Alves, Mariana Gaio (2003). A Inserção Profissional de Diplomados de Ensino Superior numa Perspetiva Educativa: o Caso da Faculdade de Ciência e Tecnologia. Dissertação de Doutoramento em Ciências da Educação. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.
- Alves, Mariana Gaio, Natália Alves e Miguel Chaves (2012), “Inserção profissional e razões de ingresso e reingresso no ensino superior: um ponto de partida para uma temática em aberto”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, 69, pp. 99-118.
- Alves, Natália (2005), *Trajectórias Académicas e de Inserção Profissional dos Licenciados pela Universidade de Lisboa 1999-2003*. Lisboa: Reitoria da Universidade de Lisboa.
- Alves, Nuno de Almeida (2014), O desenvolvimento do ensino superior em Portugal: A década 2000-2010, in Costa, António Firmino da, João Teixeira Lopes e Ana Caetano (orgs.), *Percursos de Estudantes no Ensino Superior: Fatores e Processos de Sucesso e Insucesso*. Lisboa: Mundos Sociais, pp. 33-50.
- Cardoso, José Luís et al. (2012), *Empregabilidade e Ensino Superior em Portugal*, Lisboa, A3ES.
- Chaves, Miguel, César Morais e João Sedas Nunes (2009), “Os diplomados do ensino superior perante o mercado de trabalho: velhas teses catastrofistas, aquisições recentes”, *Fórum Sociológico*, 19.
- Chaves, Miguel e César Morais (2014), Niveação e desigualdade na inserção profissional de diplomados no ensino superior, *Sociologia, Problemas e Práticas*,
- Costa, António Firmino da, João Teixeira Lopes e Ana Caetano (orgs.), *Percursos de Estudantes no Ensino Superior: Fatores e Processos de Sucesso e Insucesso*. Lisboa: Mundos Sociais.
- Costa, Célia e Pedro Dominginhos (2013), *Da Educação Superior para o Mercado de Trabalho: a inserção profissional dos licenciados no IPS*, Setúbal: IPS.
- Gonçalves, Albertino (2000). “A insustentável leveza da origem social. A inserção profissional dos licenciados da Universidade do Minho segundo o grau de instrução dos pais”, *Revista Portuguesa de Educação*, 13 (2), pp. 157-174.
- Gonçalves, Carlos e Isabel Menezes (2014). *Diplomados (2011) da Universidade do Porto: Situação no Mercado de Trabalho em 2013*. Porto: Universidade do Porto.

- Gonçalves, Fernando, Teresa Carreira, Sandra Valadas e Bernardete Sequeira (2006), "Percurso de empregabilidade dos licenciados: perspectivas europeias e nacional". *Análise Psicológica*, 24 (1), pp. 99-114.
- Martins, Susana da Cruz, Helena Carvalho e Patrícia Ávila (2014), Fatores explicativos a partir da informação extensiva: sucesso escolar no ensino superior, in Costa, António Firmino da, João Teixeira Lopes e Ana Caetano (orgs.), *Percurso de Estudantes no Ensino Superior: Fatores e Processos de Sucesso e Insucesso*. Lisboa: Mundos Sociais, pp. 51-68.
- ODES (2002). Apresentação do 1º inquérito de percurso aos diplomados do ensino superior – 2001. Lisboa: Odes/Inofor.
- OPEST-UL - Observatório dos Percursos dos Estudantes da Universidade de Lisboa (2012), Inquérito à Empregabilidade dos Diplomados da Universidade de Lisboa, Lisboa, Reitoria da Universidade de Lisboa.
- OPSD-UA - Observatório do Percurso Socioprofissional dos Diplomados da Universidade de Aveiro (2015). A Empregabilidade dos Diplomados pela Universidade de Aveiro: Resultados do Estudo sobre o Triénio 2008/09 a 2010/11. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Parente, Cristina et al. (2011). Efeitos da escolaridade nos padrões de inserção profissional juvenil em Portugal. *Sociologia: Problemas e Práticas*, Lisboa, n. 65, p. 69-93.
- Ramos, Madalena, Cristina Parente, and Mónica Santos (2014). "Os licenciados em Portugal: uma tipificação de perfis de inserção profissional." *Educação e Pesquisa*, 40.2: 383-400.
- Sedas Nunes, Adérito (1971), *A Situação Universitária Portuguesa*, Lisboa, Horizonte.